Doutor Fantástico: uma análise sobre Guerra Fria no cinema hollywoodiano

Murilo Stéfano de Oliveira Araújo (PIBIC/CNPq/FA/UEPG), Rosângela Maria Silva Petuba (Orientadora), e-mail: rosangelapetuba@yahoo.com.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de História.

História, História Moderna e Contemporânea

Palavras-chave: História, Cinema, Kubrick

Resumo

A pesquisa contextualiza o filme Doutor Fantástico dentro de sua historicidade, ou seja, o período da Guerra Fria. O filme possibilita identificar algumas das principais características ideológicas da sociedade estadunidense da época e para essa identificação utilizamos os aportes teóricos de alguns autores que discutem a relação entre história e cinema.

Introdução

A Guerra Fria se configurou como um período de intensas tensões geopolíticas. Essas disputas se davam em torno do conflito político entre Estados Unidos e União Soviética, as quais representavam projetos de sociedade antagônicos. Os efeitos sobre a sociedade estadunidense nesse processo assumem dimensões ideológicas que visavam garantir internamente sua hegemonia política. São alguns desses efeitos o anticomunismo, a histeria entorno de um possível conflito nuclear e devastador e o belicismo.

Sendo o cinema uma instância do sistema sociocultural, esses efeitos influenciaram a produção cinematográfica do período. Doutor Fantástico é uma obra que trata de maneira satírica e crítica a forma como esses efeitos ideológicos se manifestavam na sociedade dos Estados Unidos e como se davam as decisões políticas do país. Para estabelecer essa compreensão, usei dos estudos acerca do século XX de Eric Hobsbawm, sintetizados em Era dos Extremos (1995).

Material e Métodos

Para poder identificar as determinações históricas do filme, realizei algumas leituras de autores que destacam a relação entre o cinema e a história. Doutor Fantástico é uma produção de 1964, onde sua trama se desenrola a partir de um mandado de ataque nuclear feito por um general estadunidense instável mentalmente contra a URSS. A partir disso, o alto escalão da política estadunidense se reúne e busca maneiras de impedir o ataque.

Para realizar sua leitura histórica, conferi o texto clássico de Marc Ferro, “O filme: uma contra-análise da sociedade?”(1977) que possibilitou buscar fazer uma análise considerando os aspectos que o filme não pretende revelar conscientemente.

Com a preocupação de identificar os aspectos ideológicos do filme, do texto de Michèle Lagny “O Cinema Como Fonte Da História” (2009), presente no livro “cinematógrafo”, apreendi que o cinema pode traduzir para ficção aquilo que a memória oficial pretende ocultar, oferecendo assim uma espécie de contra-história. Sendo assim os filmes tanto testemunham quanto podem agir sobre a história propondo novas formas narrativas à ela. Para que possamos chegar nessas determinações, a autora enfatiza a necessidade da análise se basear em um estudo

da imagem, da montagem e da estrutura narrativa da obra, podendo a partir disso revelar as contradições e tensões presentes na obra analisada. Outra preocupação trazida a partir dessa leitura é a de encaixar o filme em algumas dimensões: instâncias sócio-históricas; as tradições cinematográficas e a sobredeterminação do filme pelas condições políticas da sua sociedade.

O texto de Alexandre Busko Valim "História e Cinema" (2012) permite entender o cinema como um lugar-comum onde se cruzam fatores estéticos, políticos, econômicos e sociais. Por isso é necessário um equilíbrio na análise entre a teoria cinematográfica, a crítica e a história do cinema. Ele entende também o cinema como um produto cultural e por isso é um lugar de disputa entre grupos da sociedade pela hegemonia, o que nos leva à preocupação de entender o filme dentro do seu contexto e das estruturas vigentes.

Para realizar uma leitura técnica do filme, usei as contribuições de Ismail Xavier presentes em seu livro "O Discurso Cinematográfico", que possibilitou aprofundar o entendimento a cerca da linguagem cinematográfica e como ela pode estruturar o discurso de uma narrativa.

E para realizar uma compreensão a cerca do contexto do filme, consultei a obra Era dos Extremos de Eric Hobsbawm que fornece uma leitura, nas partes onde trata da Guerra Fria, a cerca da base material histórica onde os discursos ideológicos do período se apoiavam. Todas essas leituras me forneceram as bases das quais parti para a realização dessa pesquisa.

Resultados e Discussão

1. Guerra Fria: uma disputa ideológicas

A Guerra Fria foi marcada por uma grande tensão entre as potências estadunidense e soviética. Segundo Hobsbawm, o perigo fornecido por essa tensão não era objetivo, não fornecendo assim uma grande possibilidade de conflito entre as duas potências, pois ao contrário do que muitas vezes parece, elas aceitaram a divisão de forças ao término da 2ª Guerra mundial. (HOBSBAWM, 1995)

Ambas passaram a trabalhar, em termos gerais, com base na coexistência pacífica projetada à longo prazo. Os russos não avançaram com nenhum tipo de política expansionista, pois sua situação econômica pós-guerra não era favorável, tendo que assumir assim uma postura defensiva. (HOBSBAWM, 1995)

Diante dos EUA, porém, a postura soviética era a de não estabelecer nenhum acordo com eles para não correrem o risco de se tornarem reféns em algum momento e assim permaneceu uma política de intransigência mútua marcante do período, para protegerem ambas as posições no cenário geopolítico mundial. (HOBSBAWM, 1995)

O afã emocional do período encontra suas razões no antagonismo entre o que ambas as sociedades representavam, ou seja, os EUA enquanto regime democrático-liberal e a URSS o regime socialista. (HOBSBAWM, 1995)

Assim, para os EUA, o anticomunismo servia como instrumento político interno de legitimação de sua posição geopolítica, já que o comunismo representava a antítese do modo de vida estadunidense baseada no individualismo e na propriedade privada, abrindo caminho assim para a perseguição de contestadores da ordem (HOBSBAWM, 1995).

A corrida armamentista que alimentava essa tensão. Essa política advinha da necessidade de firmar forças no âmbito da geopolítica mundial do período. Porém o avanço nuclear foi tamanho ao ponto de serem criadas armas que ameaçassem a vida humana se utilizadas. Um dos pontos marcantes dentro desse processo foi a

Crise dos mísseis de Cuba, onde a instalação de mísseis soviéticos no território cubano gerou uma intensa tensão entre os governos estadunidense e soviético e o mundo se achou a beira de um desastroso conflito nuclear.

No geral, concordo com a ideia de Hobsbawm quando ele diz que as maiores consequências da Guerra Fria foram políticas mais do que de qualquer outra ordem. Nesse período assistimos a marginalização dos comunistas, a polarização do globo e o impulsionamento de discursos que visavam legitimar as posições assumidas pelas potências dominantes da época. (HOBSBAWM, 1995)

2. Doutor Fantástico: ideia e realização

Dentro de todos esses processos, o cineasta Stanley Kubrick buscou retratar no cinema uma narrativa séria e tensa sobre um conflito nuclear. Ele se embasou no conto de Peter Geoge “Red Alert” para estruturar o que seria o filme Doutor Fantástico. Porém, nesse processo de estruturação, Kubrick passou a ter eiro que o deixariam insano e satírico. Ele não conseguiu ignorar tais ideias e assim a narrativa do filme passou de dramática para satírica.

A história começa com o General Jack Ripper ordenando que bombardeiros atacassem a Rússia Soviética com um arsenal nuclear. Sua motivação era que para ele, os russos estavam envenenando a água de seu país deixando os cidadãos impotentes.

O filme então se desenrola com o alto escalão da política estadunidense reunidos para tentar impedir o ataque, quando descobrem que assim que sofressem um ataque, automaticamente uma bomba russa se armaria e explodiria dizimando a vida humana no planeta. Doutor Strangelove propõe então que fossem selecionados, com critérios bastante próximos do arianismo hitlerista, algumas pessoas para que elas fossem resguardadas e pudessem dar continuidade à raça humana.

3. Os discursos ideológicos em Doutor Fantástico

Analiso o filme a partir de três enfoques: o anticomunismo, o belicismo e a histeria nuclear a partir de três cenas.

A primeira é uma cena onde um oficial britânico tenta contatar o presidente dos EUA a partir de um telefone público para alertar sobre a paranoia de Ripper. Porém, ele não possui moedas necessárias e pede para que um soldado atire numa máquina de refrigerantes e o soldado hesita dizendo que aquilo era a propriedade privada de alguém. O oficial então tem que lembrá-lo que uma catástrofe nuclear depende daquele telefonema para que o soldado o obedeça. A partir disso podemos analisar como o discurso do individualismo e da propriedade privada assentavam os pilares ideológicos da sociedade estadunidense e como isso alimentava o anticomunismo.

A segunda se refere a uma sequência onde Doutor Stangelove descreve o potencial destrutivo da “arma do fim do mundo” russa e regozija como se ela fosse uma obra de arte. Analisando esse diálogo, podemos entender que corrida armamentista só poderia acontecer se a população acreditasse que a ameaça comunista era real e grave. Assim, o medo e ódio aos russos levava à condescendência por parte da grande parcela da população estadunidense ao programa bélico, mas isso enquanto modo de manter os russos com receio de promover algum ataque ao seu país e não realmente para serem usadas.

A terceira cena destacada, por fim, se dá quando o filmeo filme capta a histeria nuclear transformando-a em realidade. Isso se dá enquanto uma crítica

ácida à forma como as decisões de Estado eram tomadas a partir de interesses bem particulares que não a da grande maioria. Em momento algum do filme a população e suas vontades são mencionadas pelos políticos, aliás, vemos que a classe política não representa outro interesses se não os seus próprios. Isso se relaciona com a histeria nuclear porque esse sentimento coletivo advinha justamente do fato da população não poder definir nem mesmo os rumos de sua sociedade, isto está a cargo do alto escalão do poder. Sendo assim, a decisão de iniciar um conflito catastrófico como uma guerra nuclear estava confinada, só restando à população torcer para que o pior não acontecesse.

Conclusão/ões

Podemos concluir então que Kubrick consegue trazer para seu filme várias determinações de processos correntes no seu tempo. A partir das representações feitas, traz uma forte crítica ao modo de vida americano, às estruturas de poder vigentes e operantes no EUA e à própria lógica da geopolítica naquele momento.

Dr. Fantástico nos oferece de certa forma uma narrativa dos eventos vigentes que contrariava o discurso oficial do período. Os EUA se apresentavam como sendo a terra da liberdade e da democracia e, ao retratar as arbitrariedades tomadas pelos políticos em seu filme, Kubrick nos parece dizer que na realidade aquela estrutura e funcionamento do poder nada garantia à população a não ser a incerteza da continuidade da raça humana.

Assim, podemos perceber o potencial do cinema de criar contra-narrativas, propondo novas formas de explicar e entender a história, contestando a história oficial e criando novas possibilidades de escrever a história, ou melhor, de vê-la

Agradecimentos

Queria agradecer profundamente à minha orientadora Rosângela Petuba pelos encontros e conversas sempre muito proveitosas e agradáveis. Agradeço à instituição na qual estudo, UEPG, pela possibilidade de ter realizado esse projeto e finalmente a todos aqueles que em tempos de obscurantismo ainda lutam pela ciência e sua permanência.

Referências

DOUTOR Fantástico. Direção: Stanley Kubrick. EUA: Columbia Pictures, 1964

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade?. In._____. Cinema e História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HOBSBAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAGNY, Michèle. O cinema como fonte de história. In: Cinematógrafo: um olhar sobre a história. NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian (org.). Salvador: EDUFBA; São Paulo: Ed. da UNESP, 2009.

VALIM, Alexandre Busko. História e Cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Novos Domínios da História. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

XAVIER, Ismail. O Discurso Cinematográfico: A Opacidade e a Transparência. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.